



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

JULIANE VITORINO DOS SANTOS

**UM OLHAR SOBRE O ENSINO-APRENDIZAGEM DOS ALUNOS SURDOS
ATRAVÉS DA LIBRAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA**

GUARABIRA

2019

JULIANE VITORINO DOS SANTOS

UM OLHAR SOBRE O ENSINO-APRENDIZAGEM DOS ALUNOS SURDOS ATRAVÉS
DA LIBRAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Trabalho de conclusão de curso em forma de artigo apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – como requisito à obtenção do título de licenciado em Geografia.

Área de concentração: Metodologias de ensino

Orientadora: Prof. Esp. Aline de Fátima da s. Araújo

GUARABIRA

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237o Santos, Juliane Vitorino dos.
Um olhar sobre o ensino-aprendizagem do aluno surdo através das libras no ensino de geografia [manuscrito] / Juliane Vitorino dos Santos. - 2019.
25 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."
1. Libras. 2. Ensino de Geografia. 3. Aluno surdo. I. Título
21. ed. CDD 371.912 7

JULIANE VITORINO DOS SANTOS

UM OLHAR SOBRE O ENSINO-APRENDIZAGEM DO SURDO ATRAVÉS
DA LIBRAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA.

Trabalho de conclusão de curso em
forma de artigo apresentado ao curso de
Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba – Campus III – como requisito à
obtenção do título de licenciado em
Geografia.

Aprovado em: 28/05/2019

BANCA EXAMINADORA

Aline de Fátima da Silva Araújo
Prof. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Débora Regina Fernandes Benício
Prof.ª Ma. Débora Regina Fernandes Benício - 1º examinador
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Regina Celly Nogueira da Silva
Prof.ª Dra. Regina Celly Nogueira da Silva - 2º examinador
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por me permitir ter chegado até aqui. Agradeço também aos meus pais Inácia Vitorino e Manuel Antônio que com muito esforço me ajudaram para que tivesse a educação que tenho hoje. Nunca mediram esforços para dar uma educação de qualidade a mim e ao meu irmão. A eles toda minha gratidão. Agradeço ao meu marido Vamilton Brito, meu grande companheiro de vida que sempre me apoiou tanto na vida pessoal quanto na minha vida acadêmica. Está do meu lado nos momentos mais felizes e também nos mais tristes. Agradeço ao meu irmão Emanuel Henrique que sempre me ajudou quando necessitei e por ser o melhor irmão que eu poderia ter.

Agradeço a turma geografia 2014.1 em especial aos amigos Amanda Nágila e Edvaldo Cardoso pelo companheirismo, pelo apoio e pelo carinho que deles recebi em toda essa jornada. Agradeço aos meus amigos Rayssia Nyanne e Rosangela Lima e Alan Emesson que estão sempre presentes na minha vida pessoal e acadêmica.

Agradeço a direção da escola estadual padre Hildon Bandeira por abrir as portas da escola para que eu pudesse fazer a pesquisa de campo. Agradeço também ao professor Nelson Gonçalo por me permitir observar sua aula. Agradeço a Intérprete de Libras Ednalva que tanto me ajudou e me encorajou nessa pesquisa. Em especial agradeço ao surdo Antônio Carlos, pois, sem a ajuda e cooperação dele não seria possível a realização dessa pesquisa.

Agradeço à instituição UEPB e todo seu corpo docente que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação. Em especial agradeço à minha orientadora professora Aline Araújo que com toda dedicação e paciência me ajudou para a elaboração deste trabalho. Agradeço também à banca avaliadora que disponibilizou de seu tempo para a avaliação do meu trabalho.

RESUMO:

A presente pesquisa tem como objetivo compreender de que forma a Libras (língua brasileira de sinais), pode auxiliar no ensino-aprendizagem do aluno surdo nas aulas de geografia. Como metodologia foram utilizadas pesquisa bibliográfica, de campo e como instrumentos para coleta de dados um questionário com o aluno surdo. Para a fundamentação da pesquisa foram usados autores como Gesser (2012), Goldfeld (2002) e Machado (2008). A discussão acerca da temática nos mostra que a Libras além de uma ferramenta poderosa no ensino também é um fator muito relevante no processo inclusivo do surdo na escola regular nas aulas de geografia. Como resultado da presente pesquisa constatamos que a Libras se mostra uma grande aliada do ensino geográfico em sala de aula. Auxiliando o aluno surdo na compreensão das aulas. Tendo um papel fundamental no ensino-aprendizagem do surdo nas aulas de componente curricular geografia.

Palavras-chave: Libras, Ensino, Geografia.

ABSTRACT

The present research aims to understand how the Libras (Brazilian sign language) can assist in the teaching-learning of the deaf student in geography classes. As a methodology, bibliographical research was used, as field and as instruments for collecting data a questionnaire with the deaf student. Gesser (2012), Goldfeld (2002) and Machado (2008) were used as the basis for the research. The discussion about the theme shows that Libras, besides being a powerful tool in teaching, is also a very relevant factor in the inclusive process of the deaf in the regular school in the geography classes. As a result of the present research we verified that the Libras se shows a great ally of the geographical teaching in the classroom. Helping the deaf student in the comprehension of the classes. Having a fundamental role in the teaching-learning of the deaf in the curricular component classes geography.

Keywords:Libras,Teaching,Geography.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O QUE É LIBRAS?	8
3 BASES LEGAIS DA LIBRAS NO BRASIL E SUA INSERÇÃO NA INSTRUÇÃO DO ALUNO SURDO EM SALA DE AULA.....	11
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	13
5 METODOLOGIA.....	17
6 CONCLUSÃO	19
REFERÊNCIAS.....	19
ANEXO:	22

INTRODUÇÃO

A ciência geográfica que trata dentre outras coisas território, paisagem e lugar necessitam do entendimento tanto conceitual quanto empírico do aluno. Com isso o surdo, que não dispõe da língua oral necessita de ferramentas metodológicas que lhe auxiliem no entendimento da geografia de forma integral e eficiente para que não haja disparidade no seu aprendizado em relação ao ouvinte. Tal assunto que muitas vezes não é levado em consideração quando se planeja uma aula numa sala onde se tem um surdo; nas escolas nem na sociedade como um todo. Por esse motivo, o uso da Libras como uma ferramenta auxilia na inclusão e no processo de ensino-aprendizagem do surdo na sala de aula é um fato a ser analisado.

O interesse pela área da Língua Brasileira de Sinais surge através das aulas do componente curricular Libras assistidas na graduação. A disciplina na grade curricular do curso de licenciatura em geografia me inquietou de forma positiva a ponto de querer saber mais a respeito dessa língua tão importante para o surdo. Consequentemente, O sujeito surdo me despertou um misto de curiosidade e empatia que me levou a pesquisar essa temática. Como também tentar responder indagações a respeito do ensino aprendizagem do aluno surdo através da Libras como uma ferramenta metodológica. O aluno surdo consegue assimilar através da sua língua Libras um conteúdo nas aulas de geografia de forma eficiente? Esta pergunta nos norteará nessa pesquisa.

Não tem como falar em Libras e educação sem falar em inclusão. Inclusão é um assunto debatido e também muito complexo e envolve muitos fatores, pois a inclusão trata de pessoas e suas diferenças a fim de introduzi-las em diferentes esferas e relações sociais. Relações essas, que envolve política, religião, família, círculo de amigos e etc. por esse motivo a complexidade deste assunto se alastra a níveis inimagináveis.

A questão da inclusão não é algo que envolve apenas a surdez, mas se refere a uma reflexão mais ampla da sociedade, buscando formas de melhor se relacionar com sujeitos de outra cultura, que falam outra língua, que professam outra fé religiosa, entre outros. Trata-se de um tema muito debatido atualmente e que busca refletir sobre formas adequadas de convivência, ampliando os conhecimentos sobre a realidade cultural do outro, sem restrição ou exigência de adaptação às regras do grupo majoritário. Trata-se de uma discussão sobre os modos de convivência dos grupos humanos nas suas diferenças que não é simples e que não se mostra ainda bem resolvida, seja na esfera política, religiosa, econômica ou educacional. (Cad. CEDES v.26 n.69 Campinas maio/ago. 2006 p. 185).

O presente trabalho tem como objetivo geral: Compreender de que forma o uso da Libras (língua brasileira de sinais), pode auxiliar o ensino-aprendizagem do aluno surdo nas aulas de geografia. Os objetivos específicos são: Identificar as dificuldades na aprendizagem do aluno surdo que não dispõe de uma aula ministrada com o uso da Libras; Apresentar a relevância da Libras, para uma boa aprendizagem do aluno surdo nas aulas de geografia.

Trazer para análise este tema é fundamental, pois nos faz apropriar-nos da realidade do surdo a fim de compreendê-la. Tanto o surdo como a população em geral como o meio acadêmico se beneficiaram dessa pesquisa pelo fato de que as questões que serão aqui levantadas nos fundamentar a cerca de possíveis soluções para a problemática.

A metodologia utilizada para a indagação trabalhada foi o uso de questionário, pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica. Utilizando como amostra a sala do 3º ano do ensino médio mas especificamente um aluno surdo na disciplina de geografia da referida sala. A referida pesquisa é de cunho qualitativo, pois, procura-se aprofundar se na problemática a fim de apurar de forma clara e eficiente os resultados.

Os seguintes capítulos serão abordados no texto: Como se sabe a língua de sinais passou por um processo para tivesse a aceitação que tem hoje não foi diferente para a libras. Se tornando uma língua propriamente dita e aceita pela sociedade como língua materna para os surdos brasileiros. Os primeiros capitulos tratará dessa forma, o que é a língua de sinais Brasileira (LIBRAS) e como se deu tal processo. O Segundo capitulo tratará das bases legais da Libras e sua inserção na educação brasileira. O Terceiro capítulo, onde serão apresentados os resultados e discussões apartir dos dados coletados através do questionário, da pesquisa de campo e da pesquisa bibliográfica e por fim a conclusão.

O QUE É LIBRAS?

Libras ou língua brasileira de sinais é a língua de sinais utilizada pelos surdos brasileiros. Sua origem vem da língua francesa de sinais, que se deu com a vinda de Harnest Huet, um surdo Francês que foi convidado por Dom Pedro II para fundar a primeira escola para surdos brasileiros. Difere das línguas orais por ser apresentada de forma visual-espacial. É considerada como uma língua natural, pois não se desenvolveu com um objetivo específico,

ela se desenvolveu juntamente com a comunidade surda. Foi estabelecida pela lei n 10.436/2002 como língua oficial dos surdos.

Parágrafo único. Entende-se como língua brasileira de sinais-libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (Brasil, 2002)

A língua brasileira de sinais não é uma versão sinalizada do português oral como muitos pensam. Ela é independente e tem suas próprias regras e gramática. O português sinalizado caracteriza-se como bimodalismo, um método que mistura sinais e o português oral. Segundo Gesser (2009, p.33) “a língua de sinais tem estrutura própria e é autônoma, ou seja, independente de qualquer língua oral em sua concepção linguística”. Portanto ela não deve ser usada como sinônimo de outra língua. A Libras tem origem francesa, pois, foi trazida suas influências da França pelo conde Hernet Huet por volta de 1856.

Sobre o aparecimento da Libras, Menezes (2006, p. 92) afirma:

O Brasil ainda era uma colônia portuguesa governada pelo imperador Pedro II quando a Língua de Sinais para surdos aportou no país, mais precisamente no Rio de Janeiro. Em 1856, o conde francês Ernest Huet desembarcou na capital fluminense com o alfabeto manual francês e alguns sinais. O material trazido pelo conde, que era surdo, deu origem à Língua Brasileira de Sinais (Libras). O primeiro órgão no Brasil a desenvolver trabalhos com surdos e mudos surgiu em 1857. Foi do então Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que saíram os principais divulgadores da Libras. A iconografia dos sinais, ou seja, a criação dos símbolos, só foi apresentada em 1873, pelo aluno surdo Flausino José da Gama. Ela é o resultado da mistura da Língua de Sinais Francesa com a Língua de Sinais Brasileira antiga, já usada pelos surdos das várias regiões do Brasil.

São muitos os mitos que rodeiam essa língua, porém sabe-se que além de língua oficializada, ela também é bem complexa e composta por uma gramática. Pode-se observar na língua de sinais uma complexidade em sua estrutura também encontrada nas línguas orais. Segundo Gesser (2009, p. 18) que “as línguas orais e as línguas de sinais são similares em sua estrutura, de forma que são formadas de unidades simples e que combinadas formam unidades complexas”. Dessa maneira vemos que além de uma língua oficial para o surdo ela também possui uma gramática própria assim como qualquer língua.

A Libras como as demais línguas de sinais não é universal, pois cada país tem sua própria língua de sinais. Sobre isso, Gesser, 2009p. 12 afirma:

A língua dos surdos não pode ser considerada universal, dado que não funciona como um “decalque” ou “rotulo” que possa ser colado e utilizado por todos os surdos de todas as sociedades de maneira uniforme e sem influências de uso.

Como a autora citada acima fala, a Libras não pode ser algo utilizado por todos os surdos sem que haja influências do meio onde se é falada. Portanto, cada país tem sua própria língua de sinais com características e influências dos surdos que a falam.

Muitas vezes os sinais pertencentes à língua são confundidos com mímica que é um grande equívoco. Os sinais representados na Libras, mesmo que muitas vezes se pareça muito com o que se quer referir, não tem nada a ver com mímica. O que acontece é que ela se utiliza em alguns momentos de sinais icônicos para fazer uma alusão ao que quer referir-se e em alguns casos tais sinais são semelhantes ao referido. Além disso, cada sinal difere conforme o país ao qual a língua pertence. Segundo Ferreira Brito (1993), isso não significa que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente, representadas através dos seus próprios sinais, convencionalmente.

Por ser uma língua propriamente dita, a Libras também tem sua escrita, ou seja, a língua brasileira de sinais não é ágrafa como se achava há algum tempo atrás. Segundo Gesser (2009, p.42) “a escrita de qualquer língua é um sistema de representação, uma convenção da realidade extremamente sofisticada, que se constitui num conjunto de símbolos de segunda ordem, sejam as línguas verbais ou de sinais”. Sendo assim sabemos que a Libras tem sua própria escrita, conhecida como Sign Writing ou escrita de sinais tão complexa e completa como as línguas orais.

Como toda língua, a Libras não é algo imutável, ou seja, ela se “movimenta” através do espaço e do tempo. A língua oral, por exemplo, pode variar de estado para outro, de um determinado grupo social ou religioso, variando suas palavras e até mesmo o sotaque de seus falantes. Da mesma forma acontece com a língua de sinais, acontecem variações que ocorrem através das regiões ou até mesmo durante a história caracterizando assim, a Libras como uma língua viva, com variantes, “sotaques”, gírias e etc.

Dentre todas as características citadas acima, não deixa dúvidas da autenticidade e autonomia da Libras. Uma língua complexa e que não deixa desejar para nenhuma língua oral. Além disso, uma grande ferramenta utilizada no ensino que poder uma grande aliada quando se fala em inclusão, principalmente de seus usuários, os surdos.

BASES LEGAIS DA LIBRAS NO BRASIL E SUA INSERÇÃO NA INSTRUÇÃO DO ALUNO SURDO EM SALA DE AULA.

A inserção da Língua Brasileira de Sinais é de indiscutível relevância para a relação pessoal, de comunicação e de aprendizagem da comunidade surda. Através dela abrem-se os horizontes do ensino-aprendizagem, que muitas vezes acontece de forma difícil e ineficaz por meio de profissionais que não dominam ou ao menos utilizam um dispositivo tão importante para a educação do surdo. Segundo Gesser (2009), a incorporação da língua de sinais é imprescindível para assegurar as condições mais propícias nas relações intra e interpessoais, que por sua vez, constituem o funcionamento das esferas cognitivas, afetivas e sociais dos seres humanos.

A legislação que antecede nossa constituição de 1988, até antes da lei 10.436 já indicava algum aparato aos direitos das pessoas com deficiências em geral e conseqüentemente o direito dos surdos principalmente no quesito educação. Mas ainda necessitava-se de uma base mais segura e bem elaborada com relação ao surdo. Com as modificações devidas e a implantação da constituição vigente ocorreram alguns avanços no campo da instrução do surdo.

O Decreto 5.626 de 2005 e a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 são de extrema importância. Na Lei descrita acima língua brasileira de sinais ganha base para cumprir sua função na vida e na educação dos surdos. No primeiro artigo ela é reconhecida como língua oficial de comunicação. Em seu parágrafo único diz:

Entende-se como língua brasileira de sinais-libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui em um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002).

A formação do professor também é tratada no decreto 5.626/05, sendo obrigatória a disciplina Libras nos cursos de magistério das universidades públicas e privadas. Tal iniciativa traz para um grande avanço na educação do surdo, pois, ajuda a formar profissionais capacitados para lidar com tal situação.

Tanto o decreto 5.626/05 quanto a lei 10.436/02, são relevantes quando se fala em educação do surdo no Brasil, pois, assegura que toda criança surda tenha direitos a uma

educação de qualidade, e que também seja matriculada numa escola comum com alunos de sua idade e que disponha de dispositivos que o auxiliem no desenvolvimento das relações afetivas e sociais, a Libras está entre tais dispositivos.

Apesar de seus direitos assegurados e com leis que amparam os direitos da comunidade surda ainda encontramos escolas irregulares que não respeitam a legislação e submetem nossos surdos a uma educação pobre e excludente. A integração na escola regular dessa forma se desenvolve segregativamente.

Diante do contexto escolar em que vivemos esse processo de integração/inclusão, por mais bem elaborado que seja, tem apresentado dificuldade em sua implantação pela instituição escolar. Ou seja, mesmo diante da obrigatoriedade gerada pela política educacional atual, muitos educandos surdos se encontram à margem da escola. Alguns estão incluídos em classes regulares e poucos conseguem permanecer no sistema. (Machado2006, p.14)

A educação atual pensada para o surdo é a de inclusão, que em teoria é uma ótima proposta mais que, na prática muitas vezes não tem os resultados desejados. Um dos problemas é a abordagem do ensino, em alguns casos exclusivamente oralistas (é o método de ensino para surdos que utiliza a língua oral que foi defendida principalmente por Alexander Graham Bell 1874-1922), que por vezes não é eficaz e/ou insuficiente para a assimilação do conteúdo abordado. Isso faz com que o educando não absorva o que deveria de uma aula.

Essa abordagem além de ser ruim para a sua aprendizagem obriga-os apenas a copiar o que provocava uma desvantagem em relação ao aluno ouvinte e um entrave para a comunicação com professores e colegas ouvintes. (Machado, 2006p, 73)

No Brasil existe uma lacuna muito grande entre a legislação e a execução das leis de fato principalmente em repartições públicas como as escolas. Muitas não têm estrutura alguma para receber quaisquer alunos com deficiência e não é diferente no caso dos surdos. Boa parte dos professores não sabe Libras e ministram suas aulas em português. Com isso o surdo não assimila praticamente nada do que é dado em sala. Segundo Goldfeld (2002, p.45)

O que ocorre em muitos casos é que os alunos conversam entre si pela língua de sinais, mas, as aulas são ministradas em português, por professores ouvintes que não dominam a libras, o que impossibilita o entendimento por parte dos alunos.

Desse modo, o entendimento por parte do surdo se torna difícil. Dificultando assim, o processo de aprendizagem do aluno e também o processo de inclusão do mesmo, já que, a comunicação na sala fica inviável.

Segundo Quadros (2006 p.50), “o aluno surdo não pode aprender um conteúdo transmitido em uma língua que ele não domina fato que restringe a sua aprendizagem a uma quantidade muito reduzida de conhecimento com qualidade questionável”. Sendo assim, submeter o aluno surdo a uma escola regular que deveria incluí-lo a seu ensino, mas não disponibiliza o conteúdo na língua que ele domina é uma ação controversa, onde quem perde é o educando.

O insucesso escolar do surdo, muitas vezes é erroneamente entendido como culpa do professor, de métodos de ensino ou até do próprio surdo. Porém, o Estado e as instituições de ensino muitas vezes não prepara o professor, não lhe dão o suporte necessário para instruir um surdo. Segundo skliar (1998 p.37), “a educação dos surdos não fracassou, ela apenas conseguiu os resultados previstos em função dos mecanismos e das relações de poderes e saberes atuais”. Sendo assim, o Estado é um dos responsáveis para desenvolvimento da educação do surdo no país, dos seus sucessos e insucessos.

Analisando os fatos apresentados fica claro que o uso da Libras idioma do surdo brasileiro é um direito e também uma ferramenta metodologia de bastante importância no processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O questionário a seguir é composto por 4 perguntas e se trata do resultado da pesquisa de campo nas aulas de geografia na Escola Estadual Padre Hildon Bandeira em Alagoa Grande-PB. O surdo em questão, como já dito acima é concluinte do ensino médio da sala F. onde dispõem de uma intérprete tanto nas aulas de geografia como nas demais disciplinas. A Libras é a única forma de comunicação para a aprendizagem dele, já que não domina o português escrito. As perguntas foram feitas com o auxílio de sua interprete:

Quadro 1.0

PERGUNTA: Você estuda aqui há quanto tempo? Se sente incluído na escola regular?

RESPOSTA: “estudo aqui há 3 anos. Não completamente, pois existe uma falta de

comunicação muito grande ainda entre eu, meus colegas e meus professores”.

Como visto acima o surdo está inserido na referida escola há três anos. Tal inserção é de fundamental importância para seu desenvolvimento intelectual, assim como cidadão na sociedade. Fazendo com que sua inserção e permanência no ensino regular proporcionem uma melhor comunicação e relação com o mundo que o rodeia. Sendo a língua de sinais um ponto chave para essa inclusão. Sobre isso salienta Araújo et al (2007):

A língua de sinais possibilitou ao surdo o reconhecimento de sua identidade enquanto sujeito, o qual deixa de ser visto como incapaz e passa a ter direito como cidadão. Ao possuir uma língua, o surdo passou a se comunicar de maneira consciente, tornando-se mais participativo, não apenas na sala de aula, como nas relações sociais. (p. 14)

Conforme percebemos a Libras é a língua do surdo o auxiliando a se reconhecer como pessoa diferente, possuídos de cultura e de identidade própria. O surdo passou a ter mais participação na sociedade através da língua de sinais. Como sabemos a comunicação é um dos principais fatores para que possamos nos relacionar com os que nos rodeia. Sendo assim, a Libras é o ponto-chave para que o surdo possa se inserir na sociedade e conseqüentemente participar efetivamente dela como cidadão.

Com relação à inclusão ele deixa claro que não se sente totalmente incluído na escola regular. Como ele cita, existe uma falta de comunicação entre ele, seus colegas e professores. A falta de comunicação, apontada pelo surdo acontece por fatores que ultrapassam as paredes da sala de aula e está intimamente ligada com a língua de sinais. A falta de aulas de Libras para os alunos ouvintes e uma formação para o professor que lhe dê o devido suporte na língua de sinais para lidar com um aluno surdo, são alguns dos principais fatores para que tais situações aconteçam. Isso nos mostra o quanto essa língua influi no ensino-aprendizagem do aluno surdo levando à exclusão ao invés da inclusão do surdo na sala de aula.

Quadro 2.0

PERGUNTA: Você consegue compreender os conteúdos da disciplina de geografia passados por meio da Libras?

RESPOSTA: “sim. Existem disciplinas que sinto um pouco de dificuldade, mas, a disciplina de geografia consigo entender muito bem. Sem dificuldades.

Como podemos observar na pergunta do quadro 2.0, o surdo se mostra seguro ao falar sobre sua aprendizagem nas aulas de geografia através das Libras. Dessa forma, constatamos que a Língua Brasileira de Sinais consegue cumprir seu papel no âmbito escolar que é a construção de uma “ponte” entre o conhecimento geográfico e o aluno surdo.

A língua de Sinais pelas palavras do surdo em questão se mostrou eficiente no que diz respeito à compreensão do aluno. Dessa forma podemos constatar que ela pode ser utilizada em qualquer que seja a disciplina, não somente a geografia, mas também abranja outras áreas do saber e da comunicação. Sobre isso, Marchesi (1995, p.219) afirma que “A língua de sinais é uma linguagem autêntica, com uma estrutura gramatical própria e com possibilidades de expressão em qualquer nível de abstração”. Com isso podemos comprovar que quando o surdo fala a respeito de compreensão através da Libras, podemos saber que essa compreensão é verdadeiramente satisfatória em todos os níveis.

Quadro 3.0

PERGUNTA: Durante as aulas de geografia, você sempre teve interprete?

RESPOSTA: “Não. Aconteceu em outra escola de assistir aulas tanto de geografia como das demais sem interprete. E isso dificultava muito meu aprendizado. Não entendia nada”.

O quadro 3.0 nos traz uma a questão da importância da Libras em sala para o bom aprendizado do surdo, mas, também nos faz uma reflexão acerca da importância do intérprete para que a língua possa desempenhar sua função em sala. A profissão do Tradutor Intérprete de Libras é regulamentada pela lei n 12.319 de setembro de setembro de 2010 e tem como função a interpretação de duas línguas tanto a Libras como o Português de acordo com a lei 12.319 de setembro de 2010 em seu artigo segundo:

Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa (Brasil,2010).

O responsável pelo ensino-aprendizagem é o professor, o profissional Tradutor Intérprete de Libras é o grande responsável pela mediação do professor e o surdo. Numa sala de aula com surdos e ouvintes o interprete é de suma importância para que a aula e a comunicação em geral aconteçam com fluidez e aproveitamento.

Quadro 4.0

PERGUNTA: Você sente que consegue acompanhar seus colegas ouvintes nas aulas de geografia?

RESPOSTA: “Não. Sinto uma disparidade muito grande entre o aprendizado do aluno surdo para o aprendizado do aluno ouvinte. Não apenas nas aulas de geografia, mas, nas disciplinas como um todo. Uma das causas são as avaliações que são feitas apenas em português que é a língua materna do ouvinte e com pouca ou nenhuma imagem. Nós surdos somos avaliados também em português, porém, o português não é nossa língua materna e isso acaba dificultando nosso desempenho na escola. Para os surdos que dominam o português, que não é o meu caso, pode facilitar um pouco. Com relação às imagens nas avaliações, é para que elas possam nos ajudar a entender o contexto do que esta sendo dito. Facilita muito uma prova ou uma aula bem ilustrada. Por isso acredito que essa forma de avaliação não é adequada para nós surdos”.

Como podemos observar o quesito inclusão ainda deixa a desejar na nossa escola regular, ninguém melhor que o próprio surdo para nos mostrar isso. São várias as deficiências que circulam a instituição escola quando nos referimos ao fator inclusivo. Dentre eles o surdo em questão destaca a falta de comunicação do aluno ouvinte com o aluno surdo; a falta de comunicação do professor para com o surdo; e às avaliações nada inclusivas, introduzidas apenas em português e sem ilustrações. Pena; Sampaio (2008 *apud* Durães e Sampaio, 2011 p.75) afirma que:

Na sala de aula para que os conceitos geográficos sejam melhor explorados, deve haver uma articulação do conteúdo com a realidade. Uma realidade que parte do meio que o estudante vive, abrangendo suas experiências e a inserção desde espaço no contexto local, regional, nacional e global. Os recursos visuais com formas grandes, cores fortes, imagens e animação facilitam a percepção dos estudantes surdos.

Pelo fato de não está sendo avaliado através de sua língua materna, muitas vezes tem seu desempenho prejudicado. O processo avaliativo, nesse caso, pode e deve ser repensado para o crescimento intelectual do aluno. Levando a avaliação a desempenhar o seu papel fundamental de diagnosticar e auxiliar na mudança da realidade social do aluno. Não se deve existir conservadorismo de práticas, mas sim estar a serviço da transformação social. Como afirma Luckesi (2005, p.42)

Para que a avaliação escolar assuma o seu verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico para o crescimento, terá de se situar e estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com sua conservação.

Desse modo, o surdo não consegue demonstrar todo seu potencial intelectual absorvidos nas aulas de geografia ou em qualquer outra disciplina. Isso foi observado na pesquisa de campo. Pois a Libras é utilizada de forma plena apenas pelo interprete, ficando distante do professor e dos métodos avaliativos.

A Libras se mostra como um meio indiscutivelmente eficiente para o processo de ensino-aprendizagem do surdo nas aulas de geografia. O surdo em questão se mostra seguro quanto ao seu aprendizado através da Libras e foi muito claro quando questionado sobre as aulas de geografia e seu entendimento e absorção de conhecimento. Além do questionário, na pesquisa de campo, ao presenciar em sala de aula observou-se a tranquilidade em que o surdo assistia as aula de geografia através da intérprete de Libras.

METODOLOGIA

Pesquisa é uma atividade da qual procuramos descobrir algo novo, mediante o uso de uma metodologia seja o fenômeno teórico ou empírico. Para Demo (1987, p.23) “pesquisa é a atividade científica pela qual descobrimos a realidade”. Enquanto Andrade (1995, p.95) “pesquisa é o conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos”. Portanto, a pesquisa se utiliza de métodos científicos a fim de interpretar dados auxiliando assim a resoluções de indagações ou problemas da realidade. O presente trabalho se configura como um estudo de caso, onde o público alvo é o surdo.

Um estudo de caso é uma história de um fenômeno passado ou atual, elaborada a partir de múltiplas fontes de provas, que pode incluir dados da observação direta e entrevistas sistemáticas, bem como pesquisas em arquivos públicos e privados (VOSS; TSIKRIKTSIS; FROHLICH, 2002 p.105).

Dentre as vantagens da utilização do estudo de caso está uma melhor assimilação acerca do fenômeno pesquisado. Tal pesquisa é de cunho qualitativo, pois, tem o objetivo de analisar e/ou descrever um evento com a finalidade de interpretá-lo. A abordagem qualitativa proporciona evidências mais concretas e fundamentadas em relação à abordagem quantitativa, o pesquisados também se transforma em objeto de sua pesquisa. Dessa forma,

Os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

A pesquisa foi realizada com base em pesquisa de campo com um surdo da turma de 3º ano do ensino médio da escola estadual Padre Hildon Bandeira da cidade de Alagoa Grande-PB. Para Fonseca (2002, p.91)

A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante).

Um grande acúmulo de informações que podem ser utilizados por diferentes pesquisadores e diferentes finalidades é uma vantagem da pesquisa de campo. Segundo Lakatos (2003, p.186):

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (...) Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los.

Portanto, a pesquisa de campo serve como uma ferramenta para confirmação ou não de hipótese que talvez já se tenha levantado ou até descobrimento de novos fatos a ser analisados. É através dela que temos um contato maior com o fenômeno que está sendo pesquisado, é uma grande aliada de qualquer pesquisa, pois, nos faz vivenciar o que se quer analisar.

A coleta de dados foi através de questionários e pesquisa bibliográfica. Para Marconi e Lakatos, (1999, p.100) “Questionários são instrumentos de coleta de dados constituído de uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito”. Tais instrumentos são de fundamental relevância para a construção de uma boa pesquisa, pois é através delas que o pesquisador obtém respostas mais rápidas e exatas, economia de tempo, obtém maior quantidade de dados. Enquanto a pesquisa bibliográfica recolhe informações a partir do que já existe publicado.

Explica um problema a partir de referenciais teóricos em documentos. Pode ser realizada independentemente ou com uma parte da pesquisa descritiva ou experimental. Ambos os casos buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existente de determinado assunto, tema ou problema. (Cervo e Bervian, 1983, p.55).

Portanto a pesquisa bibliográfica se torna uma grande aliada da pesquisa científica, pois, recorre a pesquisadores de fontes confiáveis, ou seja, de pesquisadores que já fizeram suas pesquisas sobre o assunto. Assim a pesquisa bibliográfica nos fornece fatos já analisados

e confiável do assunto ou fenômeno abordado, facilitando assim a análise do novo pesquisador.

CONCLUSÃO

Constatamos que a Libras se mostrou uma ferramenta metodológica poderosa para a educação do surdo. Através dela forma-se uma “ponte” entre o surdo e o conhecimento geográfico. Apesar da inclusão na escola regular ainda se mostrar deficiente ela se mostra uma aliada para o ensino-aprendizagem.

Quando aprofundamos nossa análise através das respostas do aluno surdo nos deparamos com uma inclusão ainda ineficiente, que precisa ser repensada a fim de se adequar as necessidades de cada aluno auxiliando seu crescimento intelectual. É relevante que o professor reveja suas avaliações e a forma que contempla o conteúdo focando sempre nas imagens. A Libras tem um papel fundamental na inclusão do surdo na escola. Ela permite que a comunicação aconteça de forma satisfatória fazendo com que as relações em sala e na escola como um todo se torne mais ampla. Esse é um dos fatores importantíssimos da inclusão de um surdo na escola: a comunicação.

Com base nos dados apresentados conclui-se que a Língua Brasileira de Sinais é uma grande aliada para o ensino de geografia para o surdo. Através dela o surdo consegue absorver o conteúdo passado nas aulas de geografia de forma satisfatória e eficiente. Por esse motivo se torna uma ferramenta metodológica de grande ajuda para o professor que aliado ao intérprete de Libras, faz com que a ciência geográfica esteja ao alcance do surdo na sala de aula. Além disso, como expostos na pesquisa, se pensada e utilizada da maneira correta é também uma aliada do processo inclusivo do surdo na escola regular, pois, os auxiliam na comunicação e relação na sala e na escola.

A realização dessa pesquisa me trouxe enorme satisfação tanto como graduanda do curso de geografia quanto como pessoa. Primeiro: mostrou que o ensino de geografia pode ter uma grande parceira na instrução do surdo. Segundo: tal pesquisa é de grande relevância para o mundo acadêmico, pois poderá auxiliar pessoas que talvez se interessem também em pesquisar e atuar na mesma linha de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M.; **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo. Editora Atlas S.A. 1995.

BRASIL. Decreto Nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica: para uso de estudantes universitários**. 3. Ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

DEMO, P.; **Introdução à metodologia da ciência**. 2ª Edição. São Paulo. Editora Atlas S.A. 1987.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a libras**. São Paulo: parábola editorial, 2012.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2. Ed. São Paulo: plexus editora, 2002.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

[HTTP://legis.senado.leg.br/norma/585316/publicacao/15747036](http://legis.senado.leg.br/norma/585316/publicacao/15747036)

LOPES, M. C. **surdez e educação**. 2. Ed. rev. Ampl. Belo horizonte: autêntica editora, 2001.

LUCKESI, C.C. **avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico**. 1. Ed. São Paulo: Cortez 2005.

MACHADO, P. **A Política Educacional de Integração/Inclusão: Um Olhar do Egresso Surdo**. Editora UFSC, 2008

MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre. Artes médicas, 1995.

MARCONI. M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

QUADROS, R.M. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre. Artes Médicas, 1997

SKLIAR. C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.**Porto Alegre: Mediação, 1998.

VOSS, C.; TSIKRIKTSIS, N.; FROHLICH, M. **Case research in operations management.** International Journal Of Operations & Production Management, v. 22, n. 2, 2002, p. 195- 219.

[WWW.planalto.gov.br>ccivil_03>leis](http://WWW.planalto.gov.br/ccivil_03/leis)

ANEXO:



Universidade Estadual da Paraíba
Centro de humanidades – CH
Departamento de geografia

Questionário:

1) Você estuda aqui há quanto tempo? Se sente incluído na escola regular?

Estudo aqui há 3 anos. Não completamente, pois, existe uma falta de comunicação muito grande ainda entre eu, meus colegas e meus professores?

2) Você consegue compreender os conteúdos da disciplina de geografia passados por meio da Libras?

Sim. Existem disciplinas que sinto um pouco de dificuldades, mas a disciplina de geografia consigo entender muito bem. Sem dificuldades.

3) Durante as aulas de geografia, você sempre teve intérprete?

Não. Aconteceu em outra escola de assistir aulas, tanto de geografia como de outras disciplinas sem intérprete. Isso dificultava muito meu aprendizado. Não entendia nada.

4) Você sente que consegue acompanhar seus colegas ouvintes nas aulas de geografia?

Não. Sinto uma disparidade muito grande entre o aprendizado de alunos surdos para o aprendizado de alunos ouvintes. Não apenas nas aulas de geografia, mas, nas disciplinas como um todo. Uma das causas são as avaliações que são feitas apenas em portu-

quês que é a língua materna de ouvinte e com pouca ou nenhuma imagem. Nós surdos somos avaliados também em português, porém, o português não é nossa língua materna e isso acaba dificultando nosso desempenho na escola. Para os surdos que dominam o português, que não é o meu caso, pode facilitar um pouco. Com relação às imagens nas avaliações, é para que elas possam nos ajudar a entender o contexto do que está sendo dito. Facilita muito uma prova ou uma aula bem ilustrada. Por isso acredito que esta forma de avaliação não é adequada para nós surdos.